

## SIMPÓSIO AT016

### A LÍNGUA MATERNA: DEIXEI DE FALAR NA MINHA LÍNGUA PARA FALAR A LÍNGUA QUE TODOS FALAM AQUI

MACIEL, Myrna  
Doutoranda em Letras UFRGS  
myrnaestellamendesmaciel@gmail.com

**Resumo** O presente estudo aborda nos conceitos de *Diglossia*, *language shift* (FISHMAN, 2006) e (FERGUSON, 1971) sobre a ocorrência do contato linguístico das línguas de imigrantes como o polonês com demais línguas eslavas - como o russo e o ucraniano - e também com o alemão e o italiano tendo em vista o contexto histórico de colonização no Sul brasileiro. O foco de análise consiste na dinâmica de compreender essa variação e mudança de línguas na sua correlação com diferentes dimensões ou variáveis extralinguísticas, em especial, nas dimensões diatópica. (ALTENHOFEN, 2014) Para este estudo de análise buscamos verificar os processos que levaram às trocas linguísticas e/ ou trocas de uma língua por outra. Assim, observamos que a língua polonesa tanto como outras línguas eslavas, apesar de em algumas comunidades prevalecer descendentes de imigrantes poloneses, a maioria dos membros substituiu a língua materna pela língua alemã e/ou italiana, bem como a portuguesa. Neste contexto compreendemos que há um espaço de poder e escolhas linguísticas, que ocorrem naturalmente diante os processos de diglossia.

**Palavras-chaves:** Contato-Linguístico, Línguas de Imigrantes, Trocas-Linguísticas, Comunidades-Linguísticas, Língua –Materna

#### **Abstract:**

The present study deals with the occurrence of linguistic contact of immigrant languages such as Polish with other Slavic languages such as Russian and Ukrainian, as well as in the concepts of Diglossia, language shift (FISHMAN, 2006) and (FERGUSON, 1971) German and Italian in view of the historical context of colonization in the South of Brazil. The focus of analysis is the dynamics of understanding this variation and language change in its correlation with different dimensions or extralinguistic variables, especially in the diatopic dimensions. (ALTENHOFEN, 2014) For this study of analysis we tried to verify the processes that led to the linguistic exchanges and / or exchanges from one language to another. Thus, we observe that the Polish language as much as other Slavic languages, although in some communities prevail descendants of Polish immigrants, the majority of the members replaced the mother tongue by the German and / or Italian language, as well as Portuguese. In this context we understand that there is a space of power and linguistic choices, which naturally occur before the processes of diglossia.

**Key-words:** Contact-Linguistic, Languages of Immigrants, Language-Swaps, Language-Communities, Native- Language

## **A LÍNGUA MATERNA: DEIXEI DE FALAR NA MINHA LÍNGUA PARA FALAR A LÍNGUA QUE TODOS FALAM AQUI**

### **Introdução**

#### **1. Práticas linguísticas x práticas de uso: Diglossia e language shif**

Neste artigo apresentamos um breve panorama do estudo que está em fase de finalização e faz parte da Tese de Doutorado em Letras pela UFRGS que investiga a presença das línguas eslavas no contexto do Sul Brasileiro. Tendo como foco a Vitalidade Linguística da língua polonesa em contato com o português no Sul do Brasil. Preocupa-nos compreender como a língua circulou e deixou de ser falada como língua materna e, em algumas vezes passou a ser considerada uma língua esquecida e também não mais usada.

If we consider mother-tongue transmission as being socio-culturally constructed i.e as being the result of certain social, economic and political experiences throughout history, we must conclude that the unrelenting monolingualization of a nation of millions of immigrants was not an automatic or inevitable outcome (FISHMAN 2006, p. 408-409).

Assim, entendemos de acordo com o pesquisador que a língua materna é construída historicamente socialmente e culturalmente junto às experiências sociais, econômicas e políticas. Todos esses aspectos contribuem para que uma nação torne-se monolíngue ou não. Os processos de bilinguismo, multilinguismo bem como *language shift* apresentada por Ferguson (1959) e Fishman (2006) diferenciam os métodos de bilinguismo e *diglossia* como parte da representatividade dos eventos de fala das línguas que se encontraram nas circunstâncias de migração. Apresentemos neste momento, apenas um esboço dos conceitos que identificam e justificam a ausência e troca linguística realizada pelos falantes durante o processo migratório.

## 2. Diglossia

Compreendemos como diglossia o ato de escolher politicamente em qual língua falar como prática de uso no ambiente o qual convive. Nesse contexto os falantes decidem como usar essa língua e se ela vai pertencer à variedade de alto (H) prestígio ou baixo (L) prestígio. Assim, em algumas comunidades linguísticas as variedades do não padrão podem prevalecer. Dentro dessas características a língua materna e ou língua de imigrantes, ou também minoritária, pode ser considerada como língua de prestígio, dependendo de como ela circula e se fortalece na comunidade.

Mas como identificar diglossia em comunidades de falantes de mais de uma língua minoritária? Podemos afirmar que as escolhas por falar na língua materna, ou na língua padrão são práticas diglósicas? Para compreender essas afirmativas, há que se definir diglossia, bilinguismo e multilinguismo.

Before proceeding to the description it must be pointed out that diglossia is not assumed to be a stage which occurs Always and only at a certain point in some kind of evolution, e.g. in the standardization process. Diglossia may develop from various origins and eventuate in diferente language situations (FERGUSON, 1971-1959, 02).

Ou seja, a diglossia não ocorre de um modo apenas, mas de diversas manifestações e situações linguística em uma determinada língua. Assim, uma comunidade linguística pode sofrer modificações influenciadas pela variedade (h)igh (alta) ou pela variedade L (own) (baixa), assim definidas por Ferguson,(1959).

Nessa perspectiva ainda por definir diglossia, Ferguson (1971) apresenta as funções da diglossia, as quais apontam em que momento uma variedade é mais usada e de que modo ela se manifesta.

FIGURA 1 MODELO DE TABELA DEFINIDA POR FERGUSON (1971)

FUNÇÕES	HIGH	LOWN
Sermon in church or	X	

mosque		
Instructions to servants, waiters,		X
Workmen, clerks		X
Personal Letter	X	
Speech in parliament, political speech	X	
University lecture	X	
Conversation with Family, friends, colleagues		X
News Broadcast	X	
Radio "Soap Opera"		X
Newspaper editorial, News story caption on Picture	X	
Caption on political cartoon		X
Poetry	X	
Folk literature		X

Fonte: (modelo retirado do texto de FERGUSON 1971, 5)

No modelo acima, observamos os espaços de uso das variedades de maior prestígio e quais espaços estão às variedades de não prestígio. Considerando aqui, as línguas de não prestígio, com status de língua não Oficial. Nesse contexto compreendemos que a língua se manifesta de acordo com a situação social e política, criando mecanismos para se adaptar da melhor maneira possível. Lembrando que, a língua de prestígio, pode passar a não se mais a língua de variedade (H) alta, e de não prestígio pode passar de variedade (L) baixa para variedade (H) alta.

### 3. Do contato linguístico ao bilinguismo

Ainda explorando a definição de *Diglossia* buscamos aqui, as evidências de Fishman (1967) sobre os conceitos de *Diglossia* fundamentados por Ferguson (1959). Para o pesquisador além de separar as variedades (H) alta das variedades (L) baixas, consideradas de menor prestígio, Fishman (1967) aponta para uma *diglossia* com e sem bilinguismo. Assim, o uso de ambas as línguas ocorrem ao mesmo tempo, ou seja, falantes bilíngues. Dado que, os falantes ao escolherem uma variedade, conseqüentemente falam em outra variedade também, podendo dar voz a língua de maior autoridade a que convém social e politicamente.

[...]uma determinada língua pode mudar ou reordenar sua posição central ou periférica conforme a microárea e as condições sociais em que se encontra na constelação de línguas em contato, em um dado momento da sincronia e história. (ALTENHOFEN 2014,71).

Todas as línguas se adaptaram ao contato em determinado momento histórico e essa adaptação fez com que as modificações e variedades foram surgindo levando de um modo particular, a cada comunidade de fala constituir seu modo de se comunicar. Não obstante e afirmando que, entendemos por comunidade de fala a interação entre os diferentes grupos de uma mesma comunidade linguística. Ou seja, são as práticas linguísticas desenvolvidas através dos diversos valores sociais atribuídos no contexto social. Portanto, a língua se constitui e se fortalece através das relações sociais com as quais está inserida.

Porém, ao contemplarmos o cenário histórico observamos que isso não ocorre tranquilamente, ou seja, a substituição de uma língua por outra nem sempre foi pacífica. Ao focar nas línguas eslavas, como as demais línguas, as escolhas linguísticas nem sempre foram ordeiras. As questões políticas sociais e históricos dos povos eslavos em especial os poloneses são retrato de muitas lutas e escolhas levando-os na maioria das vezes, a deixar de falar na sua língua para falar a língua de obrigatoriedade. Por sua vez, as línguas eslavas e as demais línguas de imigrantes são resultados de interação com outras

línguas no solo brasileiro e que por fatores específicos, a interação mediou o seu contexto social e conseqüentemente a sua escolha linguística, que por sinal, optou-se muitas vezes, por uma língua de maior prestígio nos quais grupos estavam inseridos.

a. A fala - escolhas

Ao escolher compreender comunidade de fala leva o pesquisador a fundamentar as escolhas linguísticas de uma comunidade. Neste estudo observamos com base em Hymes (1972) que as comunidades de fala são parte das escolhas em falar na língua materna ou não falar. As participações nas questões sócio-culturais da comunidade eslava, como exemplo, faz com que, os falantes pratiquem a fala dentro do seu espaço delimitado entre seus pares. Dando valor assim, a variedade de prestígio (H) *igh* ou não prestígio (L)*ow*.

Hymes (1972) aponta que a comunidade de fala está estritamente ligada a conduta e a interpretação de fala ou de uma variedade linguística, assim, as variedades das línguas eslavas também estão sujeitas a condutas e interpretações que dependem da interação entre os diferentes grupos. Ou seja, as escolhas dependem dos falantes de como querem falar em seu meio e como se relacionam na comunidade.

4. Considerações finais

Portanto, as escolhas linguísticas e de uso de uma língua ou outra, levou os falantes da língua polonesa como as demais línguas eslavas, como ucraniano e russo deixar de falar a sua língua, ou optar em falar a língua de maior prestígio nas comunidades os quais estavam alocados.

A definição de comunidade de fala não pode ser restrita aos *idioletos*<sup>1</sup> e as adaptações de um determinado grupo, ou com a ausência de alguns campos

---

<sup>1</sup> Idioletos- sm LING Modo particular que tem um indivíduo de usar sua língua, em determinada época da vida, que reflete suas características pessoais e que pode revelar, também, sua posição social, região geográfica, idade aproximada etc. ETIMOLOGIA: *voc comp* do gr *ídios+alt* de *dialeto*, como fr *idiolecte*. Retirado do site:



lexicais da fala, mas também como objeto de escolhas ao usar a língua de uma determinada comunidade para se comunicar e se integralizar num determinado grupo. Lembrando que, para os estudos variacionistas, as definições de comunidade de fala, vão além do que buscamos associar e compreender no cenário e o espaço linguístico neste artigo em relação a presença, ou não das línguas eslavas.

Não apresentamos neste breve escrito pesquisas realizadas sobre a presença da língua ucraniana e nem outras demais línguas eslavas, mas sim, expomos parte de um estudo dos processos diglossicos e escolhas linguísticas em que falantes de línguas minoritárias estão inseridos. O foco principal neste foi apresentar como pode ocorrer as escolhas dentro das características e definições de diglossia.

Uma das lacunas para novas pesquisas e estudos sociolinguísticos é aplicabilidade de metodologias que possam desobscurecer sobre o espaço em que essas línguas e seus falantes circulam e que fazem suas escolhas levando-os a substituição da sua língua materna por outra língua de maior prestígio. Portanto, livres, teoricamente para fazer a distinção em qual língua constitui sua identidade.

Podemos ainda dizer que, os grupos linguísticos são reflexos de ações autônomas que são diferenciadas entre si, diante situações específicas e distintas em relação às trocas-linguísticas/ *language shift*. Ou seja, as estratégias desenvolvidas por comunidades linguísticas dependem dos diferentes contatos e cenários linguísticos os quais estão inseridos. Deixamos aqui em aberto para a compreensão e pesquisas sobre essas lacunas em relação às pesquisas sociolinguísticas que se referem às línguas eslavas no cenário e contexto plurilíngue e multilíngue que temos no Brasil.

## Referências

---

<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=idioleto> ( acessado em 16/02/2019 às 11h28min).

**ALTENHOFEN, Cléo V.** O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: Fernández, Ana Lourdes da Rosa Nieves; MOZZILO, Isabella; Schneider, Maria Nilse & CORTAZZO, Uruguay (orgs.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora UFPel, 2014. P.69-103.

**FERGUSON CHARLES A:** *Language structure and language use. Essays.* Selected and introduced by Anwar S. Dil. Standford, Standford University Irres, 1971 (1959). S.1-26. (S. Original 1959 an Ende).

**FISHMAN, Joshua A.** [ed.]. *Reading in the sociology of language.* 3. ed. The Hague : Mouton, 1972. 808 p. [CVA; \*BSCSH 401 / R287]

**FISHMAN, Joshua A.** *Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism.* In: *Journal of Social Issues*, 23, 1967. p. 29-38

**FISHMAN, Joshua A.** *Language maintenance, Janguage shift, and reversing Janguage shift.* In: BHATIA, Tej K. & RITCHIE, William C. (eds.). *The handbook o bi/ingua/ism.* Malden; Oxford: BlackwellbPublishínq Ltd, 2006. p. 406-436.

**FISHMAN, Joshua. A.** Bilinguism With and Without Diglossia; Diglossia With and Without Bilinguism. In: *Journal of Social Issues*, n.23 April, 1967, p.29-38

**HYMES, Dell H.** Models of the Interactions of Language and Social Life." In *Directions in Sociolinguistics.* Ed. J. J. Gumperz and D. Hymes. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1972.